

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NA/DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Carolina dos Santos
Universidade Estadual de Santa Cruz
anacarolinadsantos91@gmail.com

Emilia Peixoto Vieira
Instituição do autor 2

RESUMO:

Neste trabalho relatamos nossas experiências de participação como bolsista de um projeto de extensão Fortalecimento e Articulação da Educação Infantil, da Universidade Estadual de Santa Cruz/UESC, intitulado “A organização do trabalho pedagógico na/da educação infantil”. A coordenação da extensão acompanha as atividades desenvolvidas pelos profissionais de educação infantil de um município localizado no sul da Bahia. Um trabalho que se relaciona com a formação continuada de professores, gestores e coordenadores da educação infantil, bem como os não docentes que também participam do processo de educar e cuidar. A extensão tem como finalidade a organização do trabalho pedagógico da educação infantil do município, e se apoia no método na pesquisa-ação de Michel Thiollent (2000). Foram realizados cinco encontros com os docentes, em que esses profissionais foram instigados a repensar suas práticas e fazer reflexões a cerca dos conceitos de crianças infâncias e espaços, bem como o desenvolvimento da autonomia dessas crianças, além de pensar em subsídios para melhoria do seu trabalho.

PALAVRAS-CHAVES: Educação Infantil. Pesquisa- ação. Projeto de extensão.

Introdução

A pesquisa-ação oportuniza estudar de forma dinâmica os problemas e coletivamente tomar decisões, realizar ações, negociações, dirimir conflitos e tomadas de consciência que ocorrem durante todo processo de construir o concreto. Segundo Thiollent (2000), esta metodologia possibilita gerar e produzir conhecimentos que venha trazer melhorias para o problema apresentado, no caso de nossa experiência, a organização do trabalho pedagógico na educação infantil. Para o autor, os sujeitos são construtores ativos da pesquisa, e esta metodologia lhes proporcionam um envolvimento e uma responsabilidade com o processo, pois a pesquisa e

construída de forma participativa. Assim, é uma metodologia em que exige um sujeito envolvido, e que queira trazer mudanças para a realidade.

Foi com esse olhar que foi organizado a atividade de extensão, para discutir com as professoras, coordenadoras e gestoras sobre a organização do trabalho pedagógico do município e da instituição infantil. Como sujeitos implicados, são esses atores que podem pensar a sua realidade e decidir, de forma participativa, o que fazer diante dos problemas evidenciados.

Foram realizados cinco encontros com o grupo, em que a cada encontro o convite era fazer reflexões e pensar na melhoria das suas práticas e no desenvolvimento das crianças envolvidas, pensar em estratégias que subsidiariam seu trabalho, trazendo alguns conceitos básicos e essenciais para o desenvolvimento na Educação Infantil. A importância da escuta sensível, o desenvolvimento da autonomia, o cuidar e o educar, e conceitos de crianças, infâncias e espaços. O trabalho foi desenvolvido através de relatos, de construção de relatórios, de levantamento de problemáticas e

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES EXTENSIONISTAS

O primeiro encontro aconteceu no dia 10 Setembro de 2018, e foi apresentada a proposta do projeto. Inicialmente a reunião foi feita com as coordenadoras e gestoras no turno da manhã, e com as professoras no turno da tarde. Quando se apresenta algo novo e que pode mudar a realidade no qual se está acostumada, pode ser algo assustador, e com esse projeto não foi diferente. A ideia do primeiro encontro foi conhecer melhor cada profissional, transmitir confiança, afinal, eles estariam nos relatando sobre sua prática pedagógica e, ao mesmo tempo, realizando uma autoavaliação da sua prática, e estariam assumindo um compromisso com o projeto.

O objetivo do projeto foi que a partir dos diálogos, fosse construído um documento para que esses profissionais tivessem uma diretriz municipal para o trabalho pedagógico da/na educação infantil, considerando suas próprias práticas, além de proporcionar a esses profissionais atuantes na educação infantil subsídios teóricos e práticos para a melhoria e qualidade de seus próprios trabalhos e, conseqüentemente, da educação infantil. É preciso conhecer e refletir sobre as normas legais, e então analisar o que de fato é lei, o que de fato rege a Educação infantil, e o que de fato a legislação traz para o respaldo legal. Estudar a Educação infantil, sua história e concepção, o educar e cuidar que é indissociável na prática docente, além dos conceitos de criança, infâncias e espaços. É imprescindível conhecer os sujeitos que se trabalha, as crianças, assim como

garantir seus direitos com educação de qualidade, auxiliando no desenvolvimento de sua autonomia.

O município do Sul da Bahia, em que realizamos as atividades de extensão, possui em sua rede de ensino público sete escolas de educação infantil, situadas na zona urbana, e 08 escolas do campo que funcionam com quatorze salas, e seus anexos. Cada escola dentro de suas especificidades, trabalha com crianças de quatro e cinco anos.

A criação da diretriz do município para a educação infantil, que seria criado a partir da identidade de cada instituição infantil e experiência dos profissionais da educação, causou muitas dúvidas, angústias, e o grupo fez alguns questionamentos:

Sobre essa questão da escola do campo, que trabalhamos com a multisseriada, como iremos fazer para atender essas especificidades. Como tratar a realidade de cada um (Professora B).

Pelo que eu entendi, nós vamos construir uma proposta para a educação infantil do município, como se fosse um plano de carreira, vai ter a proposta, vai ter o plano de carreira e quem chegar vai encontrar essa proposta pronta, não é assim? (Professora A)

Acredito que vai ser um documento que vai reger a educação infantil do município, do mesmo jeito que a gente tem a LDB, mas isso não quer dizer que todas as escolas vão se compactar a esse documento, não, cada escola com sua singularidade, particularidade. Vai orientar a equipe do município, mas cada escola continua tendo a sua autonomia (diretora A).

Com essas dúvidas, surgiram também algumas preocupações:

Qual a garantia de que isso vai continuar com outra gestão? (Professora D)

Nós contratadas sabemos que o contrato vence então a gente não tem nenhuma garantia, mas eu não posso afirmar que vou fazer parte desse documento, porque eu não sei se amanhã vou estar trabalhando. (Professora F)

Às vezes é mandado da secretaria só pra gente executar, e recebe da secretaria que a gente tem que trabalhar o audiovisual do aluno, com as brincadeiras e aí a escola não tem um vídeo, não tem uma televisão, porque pra trabalhar com jogos temos que construir tudo... então não seria melhor adaptar a escola com esses materiais que a gente usa no dia a dia? Porque eu não posso fazer uma proposta se a minha realidade é diferente... não estamos pedindo uma escola de primeiro mundo, mas queremos o mínimo. (Professora V)

Apesar do espanto e dos questionamentos, todos assumiram um compromisso com o projeto:

O que achei interessante nessa proposta é trabalharmos juntos, coordenadores, gestores, professores... Porque é como se o professor não tem voz, tem que aceitar o que vem de lá para cá, então esse momento juntos é bom porque a gente ouve e se compreende independente do cargo. (Professor P)

O trabalho coletivo é muito bom, e se quer mudança sempre tem, efetivo ou contratado, mas que o projeto continue. (Professor T)

Concordo com a proposta e acredito que a união faz a força, vamos trocar conhecimentos, aprender com cada colega, experiências diferentes, temos que ter foco, vamos conseguir sim. (coordenador M)

O novo é desafiador, mas se queremos a mudança e fundamental estar engajado com a causa, é preciso assumir o compromisso e acreditar na mudança. (Gestor C)

A cada encontro, a estratégia era trazer a reflexão sobre suas práticas por meio da ação, reflexão e ação.

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. [...] O que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica. [...] A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer (FREIRE, 2001, p. 42-43).

A metodologia da pesquisa-ação necessita do diálogo, mas não um diálogo hierárquico, mas um diálogo horizontal, e exige uma escuta sensível, trabalho em grupo e compromisso.

Nesse mesmo encontro, o grupo levantou situações limites, e essas situações de certa forma estavam dificultando suas práticas pedagógicas. Trouxeram problemas como: a importância de ter alguém qualificado em sala de aula, que conheça a educação infantil, a infra-estrutura da escola, como a falta de um espaço apropriado para brincar, ou de materiais para realização de atividades.

A intenção é fazer um trabalho onde todos tenham acesso e saibam o que está sendo desenvolvido, um trabalho transparente construído por eles, então, todas essas problemáticas levantadas pelo grupo foram escritas e expostas para que todos tivessem acesso. Após a validação de suas próprias falas, formaram-se grupos, e a intenção era delegar seus respectivos responsáveis e apresentar para os outros. Delegar entre professores, gestores, coordenadores e Secretaria Municipal de Educação. Foram divididos em quatro grupos, onde todos os grupos deveriam ser composto por pelo menos um coordenador, diretor ou gestor.

Os cartazes continham questões como:

Conhecer mais sobre a educação infantil. (Gestor A)

Analisar o perfil do professor para trabalhar na Educação infantil. (Professor B)

Conhecer sobre os conceitos de crianças, infâncias e espaços. (Coordenador F)

A maioria das questões levantadas pelo grupo foi apontada como sendo de responsabilidade da gestão municipal e da secretaria de educação. Nenhum momento, os grupos formados para elencar as situações problema, foram capazes de pensar a própria prática realizada com as crianças.

Nosso grupo acredita que várias dessas atribuições fogem de nossa alçada, isso não quer dizer que vamos cruzar os braços e deixar que os outros tomem as decisões por nós, mas a maioria das decisões que precisam ser tomadas são para os nossos superiores, secretaria e prefeitura, e isso foge completamente do nosso alcance. (grupo 02)

É importante destacar que delegar responsabilidades não é transferir responsabilidades. O desenvolvimento das crianças e a sua integração social e educativa é de responsabilidade de todos. Por isso é necessário que se criem condições que favoreçam o compromisso com essa responsabilidade coletiva.

Nesse mesmo dia, houve a apresentação de cada escola. Eles deveriam falar sobre a estrutura organizacional da escola, desde o diretor ao porteiro, bem como sobre a estrutura física da escola e os desafios encontrados que dificultam sua prática. Quando o grupo começou a trazer as informações coletadas na escola, pudemos perceber que a falta de infraestrutura apropriada para atender as crianças era algo presente em todas as instituições. A falta de um local apropriado para brincar pode influenciar no desenvolvimento das crianças. É por meio das brincadeiras que a criança é inserida no processo de aprendizagem, e o brincar facilita a construção da autonomia, reflexão e criatividade. Com isso, a criança se desenvolve integralmente, nos âmbitos sociais, culturais, afetivos, emocionais, físicos e cognitivos.

No segundo encontro, dia 24 de Setembro de 2018, estavam todas reunidas (professoras, coordenadoras, gestoras). No início percebemos que todas estavam receosas, principalmente as professoras, pois levantar situações problemas da sua instituição na presença da sua coordenadora ou gestora não é nada fácil. No entanto, como o trabalho será construído de forma coletiva, logo, compreenderam e aceitaram. A cada encontro realiza uma retrospectiva do encontro anterior, e recebem uma tarefa diferente. No encontro anterior, foi solicitado que todas elaborassem um relatório contendo história e informações sobre sua instituição, deveriam destacar: Identificação da instituição, estrutura física, equipe docente, equipe técnica pedagógica, e a comunidade escolar.

No terceiro encontro que ocorreu no dia 23 de outubro, todos deveriam trazer suas reflexões e considerações acerca das concepções de crianças, infâncias e espaços, tendo como referência de estudo as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil/DCNEI (2010), e

como elas desenvolvem esses conceitos na sua prática em atividade com as crianças. Cada instituição trouxe fotos e relatos sobre como a equipe escolar trabalha, tentando mostrar como esses conceitos estão sendo desenvolvidos em suas práticas. Trouxeram fotos das crianças brincando, desenhando, e através de relatos nos apresentaram a importância da escuta sensível, o lúdico como algo crucial para a aprendizagem, o cuidar e o educar como algo indissociável, a construção da autonomia e a família como essencial nesse processo de educar. Mesmo com todo embasamento teórico, percebemos que não ficou muito claro como eles trazem essas teorias em suas práticas.

No quarto encontro, que aconteceu no dia 12 de Novembro, essa busca de tentar mostrar a teoria aliada as suas práticas continuou, e nesse trabalho foi solicitado que eles pensassem a Função da Educação Infantil: desenvolvimento da aprendizagem da criança a partir da DCNEI. Pensando nesse desenvolvimento da aprendizagem, segundo a DCNEI/2010 a criança é:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010).

É necessário que se pense na criança, como sendo criança, e não apenas como um mero aluno, é preciso pensar em suas práticas e se indagar sobre o que estamos fazendo para que esses direitos sejam de fato garantidos. A criança necessita do seu espaço, e ela precisa ser ouvida, para que ela se torne protagonista de sua história. Na construção desse documento, o centro desse trabalho são as crianças, então é crucial que a participação delas seja garantida. Pensar em como nossa prática contribui para o desenvolvimento da autonomia, e se de fato estamos fornecendo esse espaço de autor e ator do seu processo de desenvolvimento. Pensando em como essas crianças sejam mais participativas nesse processo, uma das atividades foi desenvolver essa escuta sensível, as crianças iriam fotografar o local que mais gostam e o que menos gostam na escola. Elas deveriam fazer esse trabalho sozinhas, a tarefa do professor seria escutar e debater com a própria criança sobre o seu local escolhido. Depois que eles tiraram as fotos, os professores através da roda de conversa fizeram essa coleta das informações.

A roda de conversa, assim configurada, é favorável ao exercício democrático da fala e da escuta para os diferentes sujeitos: crianças, professores (as), e outros participantes. A criança, nessa relação dialógica, vai se constituindo

sujeito produtor da linguagem e, na medida em que se aprende o mundo e que o reinterpreta, atribui sentidos e se produz nele. (ALMEIDA, 2014, p.18)

E na roda de conversa que o professor tem a oportunidade de interagir com as crianças, um momento importante para começar essa acolhida, nela o professor tem a oportunidade de valorizar a fala de cada um, e nesse momento que elas trazem suas vivências e as suas curiosidades, é o momento em que elas interagem e aprendem a falar, ouvir e expressar suas idéias. Nesse momento elas apontaram que gostam de coisas como: o pátio da escola, pois era onde brincavam, a lousa porque era onde escreviam, do cantinho da leitura porque a professora lia histórias, e listaram como coisas que não gostam: o ventilador porque faz barulho, da pia do banheiro e do vaso sanitário, por serem muito grandes em relação a altura deles.

No quinto encontro, no dia dez de Dezembro, o último encontro do ano, foi um momento onde todos deveriam apresentar o diagnóstico da sua instituição, com informações sobre o seu ambiente de trabalho, algo que esteja dificultando sua prática, a equipe docente, bem como a infraestrutura de cada escola.

CONCLUSÃO

O projeto de extensão tem papel significativo na formação docente, porque me permite enquanto estudante de pedagogia, vivenciar intensamente a aproximação entre a teoria do curso de graduação e a prática pedagógica, e através dessas participações que começo a delimitar o profissional que irei me formar futuramente. Ao mesmo tempo, esse projeto contribui na formação continuada dos professores mostrando-lhes posicionamentos diferenciados para que se alcance a correção das deficiências causadas por um ensino que infelizmente está longe de se tornar um ensino de qualidade. O papel da secretaria de educação nesse processo de formação continuada, e de fundamental importância, e preciso que haja, sobretudo comprometimento com a educação, desde a contratação dos profissionais qualificados a manutenção para que suas práticas pedagógicas se efetivem. De acordo com a LDB, cabe a União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério, a partir disso, podemos perceber que o elo mais próximo com a escola e a secretaria de educação, por tanto, dar subsídios para a formação continuada de seus profissionais de educação é essencial para que esse sistema de ensino funcione e tenha uma

educação de qualidade. O projeto de extensão da Universidade Estadual de Santa Cruz promove a integração, da universidade com a sociedade, essa interação promove possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento do saber popular e científico.

Em sala de aula, o professor enfrenta vários desafios e desenvolvem saberes que exige conhecimento, prática e reflexão, por tanto, um olhar diferenciado e fundamental, isso traz aprimoramento das relações interpessoais e a vontade de superar conflitos, duvidas e inseguranças abrem espaço para ações coletivas e colaborativas.

Quando comecei a participar dessa formação, percebi que as dificuldades encontradas pelo grupo não era apenas de recursos pedagógicos, mas de um olhar voltado para sua formação, para seu aperfeiçoamento. Pude perceber isso, pela receptividade que o projeto nos proporcionou. Acho interessante e de grande importância um olhar de fora da realidade, e um processo de escuta e reflexão, como alguém mediando esse processo de levantamento de questões. Alguém que suscite no grupo discussões a cerca de suas dificuldades. Quando se reúne um grupo para levantar essas questões problemas, percebemos que o mesmo problema pode esta em varias instituições, e o que faltava era fazer essa mobilização, para juntos pensar em uma solução.

A realidade que enfrenta um professor de escola publica só pode ser percebida quando observada de perto. Não falo sobre a remuneração, mas pela falta de recursos que auxiliem em sua pratica, bem como a falta de valorização para o seu crescimento profissional e na melhoria das condições de trabalho. A teoria antecede a pratica, e sem esse embasamento teórico, nossa pratica se torna vazia, sem intencionalidade. Pensando sobre minha formação inicial, acredito que presenciar essas experiências reforça a minha formação e me torna ainda mais capacitada para uma sala de aula.

Quando ingressei no curso de pedagogia, mais especificamente na Universidade, eu tinha a certeza de que minha vida seria diferente, e isso dependia apenas de mim, eu sabia que não seria fácil, mas o conhecimento que estaria adquirindo seria grandioso. Meu desejo era me empenhar ao maximo, queria fazer a diferença. Particpei da seleção do Pibid, e fui selecionada, hoje sou bolsista do programa de iniciação a docência e voluntaria no projeto de extensão. Quando iniciei no Pibid, já comecei a perceber a relação teoria e pratica, e como as professoras trabalhavam essas teorias em sala e tive uma maior compreensão acerca da dinâmica e dos limites da realidade escolar. A universidade tem papel significativo nos subsídios de programas que auxiliem na formação profissional, esses programas nos possibilitam uma compreensão mais pratica da realidade.

O compromisso assumido pelos professores nessa formação, me fez perceber que apesar de enfrentar vários desafios na escola, eles estavam com desejo de mudança, e isso é crucial no papel de transformador social. Esses professores da educação infantil, não estão apenas auxiliando no processo de formação de crianças, mas também na minha formação inicial. Quando abrem espaço para que eu participe como observadora de seus relatos, estão me preparando para a realidade.

O grupo de docentes participantes dessa formação possui muitos anos de prática, e por isso muita experiência, portanto há a necessidade do aprender contínuo, para se adaptar a um mundo em constantes mudanças. E em suas práticas que o professor aprende e se desenvolve constantemente.